



## FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA NARRATIVA

GT 12: Formação de Professores

### **Relato de experiência**

Dinairan D. SOUZA 1 (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

[dinairan.souza@unemat.br](mailto:dinairan.souza@unemat.br)

Filomena Maria de A. MONTEIRO 2 (Docente do Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

[filarrudamonteiro@gmail.com](mailto:filarrudamonteiro@gmail.com)

### **1 Introdução**

O objetivo deste relato de experiência é socializar a utilização do método narrativo em uma atividade de formação continuada de professores em uma escola na rede municipal de educação na cidade de Cáceres- MT, em 2023. No município de Cáceres cada escola elabora seu projeto de Formação continuada, a partir de suas demandas e cabe a Secretária de Educação do Município avaliar e aprovar ou/e fazer indicações de correções ao projeto. Fui convidada para trabalhar o tema “A Formação de Professores a partir da Experiência”.

Como participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas e Formação Docente/UFMT achamos que seria uma oportunidade para trabalhar com as experiências dos professores utilizando o método narrativo que para Monteiro (2017) é um método potente capaz de promover compreensão da experiência de outrem, implica inúmeras possibilidades como se colocar no lugar do outro, solicita diálogo e reconhecimento do seu lugar de saber, além de promover ressignificações individualmente e coletivamente.

O método narrativo busca relacionar a vida das pessoas, suas histórias de vida à formação. Para Clandinin e Connelly (2011) “[...] as pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros [...]”. Assim, com antecedência do dia do encontro com os professores, pedimos para que escrevessem uma carta sobre si que contasse suas experiências. As cartas deveriam ser socializadas no dia do encontro. E no encontro nos enriquecemos com as experiências uns dos outros, mas o tempo foi muito pequeno para reflexão mais apurada. Resolvi escrever-lhes uma carta que conta do nosso encontro e das experiências que foram contadas.

O texto a seguir é a carta que enviei aos professores e professoras.

Realização





## **2 Carta para continuar refletindo sobre as experiências e os desafios da formação de professores**

Caros/as professores/as

Escrevo-lhes para continuar a conversa do dia nove de agosto de 2023. Naquela ocasião o objetivo foi conversarmos sobre a formação de professores reconhecendo o valor das experiências a partir de Paulo Freire. E como ensina Freire, é preciso conhecer as pessoas com quem pretendemos trabalhar, estudar, conversar. Parece que para isso, precisávamos de mais tempo, pois a apresentação tomou quase a totalidade das duas horas que tínhamos para trabalhar o tema “A Formação de Professores a partir da Experiência” e por sentir que a nossa conversa ficou pela metade resolvi escrever-lhes na tentativa refletirmos juntos sobre questões que apareceram.

Nos seus relatos, aparece a influência de outras gerações para que seguissem a profissão docente; Os desafios de ser professora/or, os caminhos, as condições de trabalho, o salário, os desafios, as responsabilidades; Os problemas sociais que se apresentam na escola e a limitação que a cercam; O companheirismo profissional; Desenvolvimento dos/as professores/as está atrelado ao desenvolvimento dos/as estudantes; Como os estudantes veem os professores e como cativam nossas forças. Percebi que umas estão começando a carreira de professoras, outras/o acumulam mais anos nessa caminhada e outras estão em eminência da aposentadoria, vocês se misturam em um coletivo diverso.

A profissão docente é aprendida e como afirmam Mizukami e Sabino (2023, p. 13) “Os processos de aprender a ensinar e se desenvolver profissionalmente são longos, complexos, multifacetados e sem um final pré-determinado”. A escola é um espaço privilegiado de desenvolvimento profissional, rico em possibilidades e agregador do diferente. É lugar de micropolíticas da escola e de macro políticas educacionais.

Considerando esses aspectos, penso sobre como constitui os conhecimentos, valores e significados orientadores das ações dos/as professores/as?



Freire (1996) quando fez a defesa da reflexão sobre a prática educativa para que a mesma fosse crítica trouxe alguns exemplos sobre como a experiência tem valor, disse ele que,

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo que remotos de incêndios, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. (Freire, 1996, p. 21-22).

Então, a gente não se tornou professor/a no exato momento daquela celebração do rito de passagem que foi a cerimônia de formatura, quando fizemos juramento e recebemos o diploma. Estamos aprendendo, ação inacabada e em movimento. De alguma forma, em algum momento de nossas vidas a gente se aproximando da escolha que faríamos pela profissão e daí em diante a gente foi escolhendo situações, oportunidades, brechas, janelas e portas que abrimos, e que ainda vamos abrir. Em algum momento a gente pensou que é bela a profissão docente e em outros podemos tê-la odiado também, essas experiências de amor e ódio, prazer e dor, beleza e feiura parece que são constituintes dos fazeres e das aprendizagens na e para a docência. Estamos aprendendo a lidar com a chama do fogão, de como temperar os planejamentos para que sejam significativos.

Isso me fez lembrar que precisamos pensar que a docência, hoje legitimada como profissão, percorreu um longo processo na história da sociedade até ser reconhecida como tal. Segundo Nóvoa (1989), à docência já foi um ofício cujo recrutamento e supervisão era de responsabilidade da igreja por um longo período, a transição de agentes da igreja a funcionários do Estado marcou profundamente a identidade do ser professor/a e a nossa carreira.

Pois bem, se nos voltarmos a identificar como a profissão professor/a se consolidou nos ajuda a compreender porque ainda hoje persiste algumas das dificuldades narradas na oportunidade do nosso encontro, se repetiu na fala de algumas professoras que ao iniciar na profissão, suas primeiras experiências foram em comunidades rurais, distantes de onde moravam e com estradas e transportes precários, sob a vigilância atenta e arredia da comunidade rural que recebia o/a professor/a. Mesmo, a educação sendo muito bem aceita, a ideia de que o professor/a precisava ser vigiado/a, e devia obediência aos valores primeiro da igreja e, depois, ao Estado, a categoria profissional de professor goza do que iremos chamar aqui de baixo *status quo*, Nóvoa (1989) diz que as condições de trabalho, a remuneração, a formação e o currículo sempre estiveram sob o controle dos agentes a quem os/as professores/as prestavam serviços.



Para a carta não ficar muito longa, recomendo leitura do livro de Nóvoa: Profissão Professor, com especial atenção ao capítulo “O Passado e o Presente dos Professores”. Definitivamente é uma história que precisamos conhecer.

Voltando a Freire, podemos refletir sobre a excessiva vigilância aos professores/as e o que motiva tantas pressões sobre nós? O que em nossa realidade material nos faz tão poderosos para termos tantas responsabilidades e tão pouco respeito e valorização? Mas, tudo vai depender... se somos sujeitos ingênuos, bons transmissores de conteúdos e cumpridores de roteiros prontos, como a BNCC, ou se perigosamente nos arriscamos a ser sujeitos críticos.

Freire (1996) desafia a nos assumirmos como sujeitos da produção do conhecimento, na relação com os estudantes e com o meio onde acontece a vida, ao passo que crítica a transmissão do conhecimento, a reprodução da cartilha sem compromisso com as vidas dos seres humanos que impedidos de serem sujeitos aprendem a repetir o que lhes foi transmitido.

Freire (1996) nos convida a desvelar o mundo de forma crítica. Por que o mundo é como é? Por que existe multimilionários e miseráveis? Por que existe fome? Qual é nossa função no mundo? A educação crítica nos leva a compreensão do mundo, como sujeitos capazes de se posicionar, com condições de se comprometer com a realidade material e subjetiva dos nossos pares. A educação é um tanto poderosa, será que é por isso que precisam nos manter sob tanta vigilância e regramentos?

Freire (1996) diz que viver na autenticidade e plenitude humana exige experiência total, diretiva, política, ideológica, pedagógica, estética e ética na mistura do ser humano com o mundo, no qual poderemos alcançar a boniteza, se dermos as mãos a decência e a seriedade. As experiências narradas por vocês contam das lutas individuais, mas que também são coletivas, históricas, sociais, culturais e que nos ajudam a não separar a escola do mundo, isolada da vida.

Tantas coisas para conversarmos, mas a carta está ficando longa e isso me faz lembrar que precisa finalizar, então gostaria de retomar, de forma breve outras questões colocadas por vocês que foi a responsabilidade de ser professor/a, de aprender juntos, de olhar as experiências identificando os erros e os acertos, de estar em movimento de busca para auto realização e por melhorar a educação, os problemas sociais, de continuar aprendendo a profissão e ser tocado profundamente pelos estudantes. Resumi, mas vocês discorreram sobre essas questões e outras que posso ter perdido de anotar, gostaria de dizer da relevância das formações, em particular da formação continuada. Essa é uma comunidade de aprendizagem formada por vocês para discutirem, elaborarem e refletirem sobre o que estão vivendo na educação e, como diz Freire,

no mundo e com o mundo tem um potencial individual e coletivo na organização de situações de ensino e aprendizagens no contexto local e social.

Fico imensamente agradecida por compartilharem suas experiências, me despeço com votos de estima e consideração a cada um/a.

Dinairan D. Souza

Mulher, filha, mãe, esposa, professora, militante, sonhadora.

## 8 Considerações finais

Para terminar o texto, mas não a reflexão, retomemos os desafios na formação de professores que identificando e precisamos lutar. Os desafios apresentados ao longo da carta como as más condições de trabalho e remuneração; a pressão e fiscalização ao trabalho dos professores; as regulações curriculares e o cerceamento da autonomia profissional da categoria nos guia nas lutas.

As perspectivas nascem desses desafios, em superar a ingenuidade e romantização na profissão; no reconhecimento da importância do trabalho desenvolvido pela categoria; nas lutas por melhores condições de trabalho e remuneração, no reconhecimento de que a experiência tem valor e na assunção da autoria de nossas experiências.

Os valores das experiências já são reconhecidos por seu caráter formativo, com possibilidades reflexivas, de promover autorias e segurança no poder criativo, que favorecem o autoreconhecimento e o conhecimento do mundo que nos envolve.

Esse relato é para dizer das possibilidades do trabalho com narrativas a partir das experiências dos professores e professoras. Além de ser um trabalho gostoso reconhece que os profissionais precisam ser ouvidos sempre, não podemos falar de formação sem os professores.



**SemiEdu 2024**

FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
EM FOCO: DESAFIOS E  
PERSPECTIVAS

## Referências

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, M. F. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MIZUKAMI, Graça e SABINO, Isabel, **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 32, n. 71, p. 13-20, jul./set. 2023.

MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. **Pesquisa, formação e docência: processos de aprendizagens e desenvolvimento profissional docente em diálogo**. Cuiabá, Editora Sustentável, 2017.

NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1989.

Realização

